

Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul
Jornada Psicanalítica – CPRS
Maio/2021

O analista e o paciente: a cena¹

Cesar A. dos Santos²

O objetivo deste trabalho é identificar algumas características do agir do analista iniciante junto ao seu paciente, assim como acordos necessários para o andamento das sessões, repassando algumas recomendações de Freud.

O contato inicial geralmente ocorre por meio de um contato telefônico, feito pelo próprio paciente, às vezes espontâneo, ou por um familiar que aconselhou ou exigiu que ele busque tratamento. O primeiro encontro entre o paciente e o analista tem um significado muito representativo, visto que ao final da sessão o paciente quer sair com a sensação, em relação ao analista, de que foi escutado, compreendido e de que encontrou alguém com quem possa compartilhar a sua história.

Freud preferia os casos que vêm espontaneamente, porque ninguém pode tratar-se a partir do desejo do outro. Apesar das expressões manifestas do paciente poderem ser ambíguas e apenas com o próprio andar da análise se torne possível avaliá-las, a atitude mental profunda frente à verdade e ao conhecimento de si mesmo se mostram evidentes no desenvolvimento do tratamento psicanalítico.

A arte de receber e colocar o paciente em análise, de incluí-lo no chamado *setting* analítico, é uma das questões mais intrigantes para quem inicia sua prática psicanalítica. Freud, em 1913, utilizou uma metáfora, jogo de xadrez. Como no jogo de xadrez, na psicanálise, a abertura e, é claro, o final da análise são fundamentais. Existem regras e procedimentos a seguir no início do jogo, que, ao longo de seu desenvolvimento, dependem da criatividade dos jogadores. Assim, como no jogo de xadrez, o psicanalista cria um cenário. Nesse cenário, o paciente produz, movido pela

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Estudos Psicanalíticos promovida pelo Instituto de Psicanálise do Círculo Psicanalítico do RS, em 15 de maio de 2021.

² Aluno em Formação Psicanalítica no Instituto de Psicanálise do Círculo Psicanalítico do RS.

Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul
Jornada Psicanalítica – CPRS
Maio/2021

angústia e falando livremente sem censura, o acesso à outra cena, como Freud chama o inconsciente.

Freud usa a metáfora do jogo de xadrez para apontar para as possibilidades ilimitadas de criação de cenas durante as sessões, mencionando, inclusive, que as regras disponíveis para o exercício do tratamento psicanalítico estão sujeitas a limitações equivalentes às do jogo.

Freud buscou reunir, para uso do analista praticante, algumas regras acerca do início do tratamento, enfatizando que seriam recomendações a respeito de normas e práticas a serem seguidas no estabelecimento do *setting* analítico. Na prática, como se configuram essas regras e procedimentos? Nos dias de hoje, no momento que estamos vivendo, uma pandemia, estas práticas ainda conseguem ser seguidas? Será que as cenas produzidas através das plataformas digitais são as mesmas do consultório?

Freud (1913) descreve como recebe o paciente, os cuidados das primeiras entrevistas, o pagamento das sessões, como estabelece a regra da associação livre e convida o paciente a deitar-se no divã, fala sobre a frequência das sessões, a transferência, a resistência, enfim, explica no seu artigo o que um jovem psicanalista precisa saber para iniciar uma clínica. A metáfora do jogo de xadrez e de suas regras, utilizada por Freud para exemplificar as dificuldades encontradas no início do tratamento psicanalítico, levou seus seguidores a criarem normas técnicas para o exercício da psicanálise. Nesse sentido, Etchegoyen (1987), em seu manual *Fundamentos da técnica psicanalítica*, descreve essa conversa inicial como um contrato, tendo como propósito

[...] definir concretamente as bases do trabalho que vai ser realizado, de modo que ambas as partes tenham uma ideia clara dos objetivos, das expectativas e também das dificuldades a que o tratamento psicanalítico os compromete, para evitar que depois, durante o curso da terapia, possam surgir ambiguidades, erros ou mal-entendidos. (ETCHEGOYEN, 1987, p. 40).

Etchegoyen (1987) comenta ainda que o contrato tem que ser necessariamente justo e racional, igualitário e equitativo. O contrato analítico prevê, em outras palavras,

Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul
Jornada Psicanalítica – CPRS
Mai/2021

uso do divã, o intercâmbio de tempo e dinheiro, frequência e duração das sessões, ritmo semanal e férias. Freud (1913) deixa clara a importância de prevenir o paciente, de antemão, sem querer assustá-lo, acerca dos sacrifícios e das dificuldades da terapia analítica, privando-o, dessa maneira, do direito de afirmar depois que foi atraído para um tratamento cuja extensão e significado ele não conhecia.

Freud (1912) descreve para o paciente a sua maneira de trabalhar e as condições em que se desenvolve a cura. No início de cada tratamento, ele pede a seu paciente que siga fielmente a regra fundamental da psicanálise, que é, *comunique ao analista tudo o que lhe vier à cabeça, renunciando a qualquer crítica e a toda a escolha*, e recomenda ao analista que *adote uma atenção flutuante e evite tomar nota para não perturbar sua escuta*.

Freud (1913) recomenda fazer o paciente deitar-se sobre um divã, enquanto o analista fica sentado atrás dele, fora de sua vista. Freud relata que não conseguia ser olhado por outra pessoa durante oito horas, ou mais, diariamente. Como também se abandonava ao curso de seus pensamentos inconsistente, não querendo que suas expressões do seu rosto fornecessem material para interpretação do paciente ou influenciassem o que ele tem a comunicar. O psicanalista insiste nesse propósito cujo objetivo é impedir a inadvertida intromissão da transferência nos pensamentos espontâneos do paciente, de isolar a transferência e fazer com que, no devido tempo, ela não se converta em resistência.

O divã se tornou ícone da psicanálise. Nele, o paciente está sozinho com seus devaneios para falar livremente o que lhe passa pela cabeça. Para Freud, o divã faz parte do cenário da psicanálise, o que permite remeter a outra metáfora que Freud evoca para dar plasticidade ao seu ensino: a outra cena.

Quando Freud, em *A interpretação dos sonhos*, chama o inconsciente de a outra cena, demonstra a importância do cenário no qual recebe seus pacientes. É hora de transferir o paciente para o divã quando ele sai do discurso simplório e muda, chega à outra cena velada como o drama, o romance familiar.

Durante as primeiras entrevistas, o psicanalista cria possibilidades para levar o paciente para essa outra cena, na qual a análise é possível. Em geral, a cena

Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul
Jornada Psicanalítica – CPRS
Maio/2021

psicanalítica se desenrola no consultório do psicanalista. Atualmente, ocorre por meio das plataformas digitais. Mas também Freud realizou sessões fora do consultório, sem o uso do divã, como no exemplo a seguir:

Freud passa as férias na região dos Alpes austríacos, quando uma moça de 18 anos que se chama Katharina, sobrinha da dona da pousada, chega para Freud e pergunta: “O senhor é um Doutor?”. Em um primeiro momento, Freud não está muito entusiasmado com a ideia de interromper as férias, mas aceita tratar Katharina em um passeio nas montanhas. Katharina fala com o dialeto da região e Freud adapta-se à sua maneira de falar: “Senta aqui e me conta...” E Katharina fala. “Eu tenho falta de ar. Nem sempre. Mas às vezes algo me pega assim que penso que vou sufocar.” Katharina sente um aperto no peito, dor de cabeça, muita angústia. Freud diagnostica uma neurose de angústia, ou melhor, uma histeria cujo conteúdo era angústia. Freud só tem uma tarde para tratar a paciente e aposta: “A srta. pensa alguma coisa, sempre a mesma coisa, ou vê algo, quando tem os ataques”? Ela vê uma máscara. Freud inicia sua análise. Investiga a máscara e sua relação com o sufoco, até que Katharina exclama: “Jesus! Foi quando peguei o tio com minha prima!”. Desse modo, Katharina foi de cena em cena. Aos poucos, ela se lembra de que esse tio já a tinha molestado. Só que, na época, ela não desconfiava da conotação sexual da investida do tio. A jovem adoece depois de flagrar o tio e a prima, quando, portanto, a conotação sexual das investidas do tio fica clara, nesse único encontro com Freud. (FREUD, 1893-1895)

Observa-se neste caso que um dos pontos mais importantes da psicanálise é o encontro com o analista, a cena é marcante, fora do consultório, do divã, e improvisada, a cena ajuda, mas há o encontro, e neste encontro o mais significativo, portanto, é a transferência que não se cria pela assinatura de um contrato, mas por algo incompreensível, algo relacionado ao inconsciente de alguém que procura um analista. A transferência, em outras palavras, é a via de acesso ao inconsciente.

Outro ponto interessante deste caso diz respeito à frequência das sessões. Na situação relatada, houve um único encontro. Será suficiente um único encontro? E quantas sessões por semana devem ser realizadas para que o trabalho analítico possa produzir resultados?

Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul
Jornada Psicanalítica – CPRS
Maior/2021

Freud marcava sessões de uma hora seis vezes por semana. Até que, em 1920, nos anos de crise pós-guerra, recebe em análise Abram Kardiner, um médico norte-americano. Freud não tinha horário. Sua agenda estava lotada com pacientes. Nenhum deles queria ceder seu lugar no divã. Então Anna Freud sugere ao pai atender cada um dos pacientes em cinco e não em seis sessões por semana. Freud altera sua agenda e Kardiner faz sua análise com Freud. Hoje, a maioria dos psicanalistas leva em consideração o tempo e os recursos que os pacientes têm à disposição para que a quantidade de sessões seja calculada, sendo que a frequência das sessões depende da singularidade de cada paciente (FORBES, 2014).

O encontro com o analista produz os impactos necessários para que o paciente mude de atitude diante da vida. Em muitos casos, uma sessão por semana pode causar os efeitos almejados. Em outros, são necessárias duas ou mais sessões. Às vezes, o impacto causado é tão grande que é necessário realizar uma sessão fora da série. A frequência do divã depende de cada caso. Há interrupções, há férias, isso porque o tempo do inconsciente foge da medida do calendário, desde que haja transferência, desde que haja o encontro com o analista. Evocando o trabalho de Greenson, Etchegoyen menciona:

[...] a aliança de trabalho depende do paciente, do analista e do enquadre. O paciente colabora, porque lhe é possível estabelecer um vínculo relativamente racional, a partir de seus componentes instintivos neutralizados, vínculo que teve no passado e surge agora na relação com o analista. O analista, por sua vez, contribui para a aliança de trabalho por seu empenho consistente em procurar compreender e superar a resistência, por sua empatia e sua atitude de aceitar o paciente, sem julgá-lo ou dominá-lo. O enquadre, por fim, facilita a aliança de trabalho pela frequência das visitas, pela longa duração do tratamento, pelo uso do divã e pelo silêncio. (ETCHEGOYEN, 1987, p 133)

Portanto, a presença do analista é, por assim dizer, um catalisador para que o paciente deixe de sofrer suas perdas e possa reescrever a sua história. Ao contrário do que possa estabelecer o contrato do *setting*, a presença do analista é necessária como sendo um dos personagens que compõem a outra cena. Sempre enigmática, nada clara, tão estranha quanto o próprio inconsciente, é fundamental para o acesso a essa outra cena que permite não somente resgatar o passado, mas recriar um futuro.

Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul
Jornada Psicanalítica – CPRS
Mai/2021

No presente ou no futuro a psicanálise se reinventa a cada instante. Uma das questões que se apresenta nos dias de hoje é se há a possibilidade de atender os pacientes a distância, por exemplo, por telefone, Skype, WhatsApp, etc. Com a pandemia, a maioria dos psicanalistas e seus pacientes tiveram que se adaptar a essa nova realidade, mas há outra questão: será que este novo método, as plataformas digitais, são ou seriam tão eficientes se não tivesse existido o trabalho analítico anterior realizado no consultório?

Freud defende que certos procedimentos estratégicos facilitam a psicanálise e, no seu desenrolar, irão acompanhar o movimento do inconsciente do paciente. Dessa forma, o cenário faz parte do *setting* analítico, embora existam situações que requeiram a atuação do analista fora do ambiente do consultório. Outras escolhas interferem no desenrolar do tratamento: como escolher o andamento das sessões: sentado, deitado às vezes ou sempre, por vídeo conferência ou não?

Voltando à metáfora do xadrez, os movimentos do inconsciente tomam seu rumo com uma “pluralidade inesgotável de possibilidades de jogo” (FREUD, 1913). Cabe ao analista atuar como catalisador do acesso ao inconsciente. Se o paciente vai fazer a livre associação deitado no divã ou sustentando sua fala diante do olhar do analista no consultório ou por meio de uma plataforma digital, isso depende da singularidade do caso e do momento. Essa singularidade do paciente, de sua análise, da cena que produz a partir da sua narrativa vai indicar ao analista o formato, a quantidade e como se darão as próximas cenas.

Assim, a criação do *setting* é indispensável para que se estabeleça a transferência do paciente em relação ao psicanalista, e para o próprio sucesso do tratamento psicanalítico. As questões que se colocam é se, nos tempos atuais, com redução do contato presencial por força das medidas de contenção à pandemia do novo coronavírus, a utilização de plataformas digitais efetivamente viabiliza a construção do contrato que regerá o trabalho psicanalítico e a própria criação da cena em si, necessária para o desenvolvimento terapêutico.

Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul
Jornada Psicanalítica – CPRS
Maior/2021

Referências

- ETCHEGOYEN, R. H. (1987). *Fundamentos da técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Artmed.
- FORBES, J. (2014). *Psicanálise a clínica do real*. São Paulo: Manole.
- FREUD, S. (1893-1895). *Estudos sobre a histeria*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FREUD, S. (1911-1913). *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso schreber) Artigos sobre técnica e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- QUINODOZ, J.-M. (2007). *Ler Freud: guia de leitura da obra de S. Freud*. Porto Alegre: Artmed.
- ZIMMERMAN, D. E. (2004). *Manual de técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Artmed.